

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-15, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.44975</p>	

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Memórias do futuro no espaço urbano de São Paulo

Memories of the future in São Paulo's urban space

Memorias del futuro en el espacio urbano de São Paulo

Mônica Rebecca Ferrari Nunes¹

orcid.org/0000-0002-55629389
monicarfnunes@espm.br

Marco Antônio Bin²

orcid.org/0000-0001-7437-8741
marcobin@gmail.com

Recebido em: 26 jul. 2023.

Aprovado em: 1 out. 2024.

Publicado em: 17 jan. 2025.

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida no CNPq, que almeja entender como, em diferentes culturas, são produzidas memórias do futuro. O artigo tem como objetivo investigar essas memórias no espaço social urbano. Parte-se da hipótese de que heterotopias e utopias codificam esse modo de lembrar, cuja lógica é menos a marca de um passado estanque e mais expectativas e planos de ação. Com base em teóricos das Ciências Sociais e Humanas e em pesquisa de campo junto a pessoas em situação de rua, em São Paulo, espera-se demonstrar que, em certas circunstâncias, memórias do futuro podem criar outros mundos possíveis.

Palavras-chave: memórias do futuro; espaço urbano; pessoas em situação de rua; São Paulo.

Abstract: This paper presents partial results of an ongoing CNPq-supported study and aims to understand how memories of the future are produced in cultures. Its objective is investigate these memories in the urban social space. The working hypothesis is that heterotopies and utopias codify this way of remembering, which logic is less the mark of a stagnant past and more the expectations and plans of actions. Based on Social and Human Science theorists and a fieldwork carried out with people living on the streets of São Paulo city, it hopes to demonstrate that, under certain circumstances, memories of the future can create other possible worlds.

Keywords: memories of the future; urban space; people living on the streets; São Paulo.

Resumen: Este artículo presenta resultados parciales de una investigación en curso en el CNPq que busca entender cómo, en las culturas, se producen memorias del futuro. El artículo tiene como objetivo investigar estas memorias en el espacio social urbano. Trabajamos con la hipótesis de que las heterotopias y las utopias codifican esta manera de recordar cuya lógica es menos la marca de un pasado estancado y más las expectativas y proyectos de acción. Con base en teóricos de las Ciencias Sociales y Humanas y en la realización de investigaciones de campo con personas en situación de calle en São Paulo, esperamos demostrar que, bajo ciertas circunstancias, las memorias del futuro pueden crear otros mundos posibles.

Palabras clave: memorias del futuro; espacio urbano; personas en situación de calle; São Paulo.

Considerações iniciais

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa desenvolvida no CNPq, que almeja entender como, nas diferentes culturas, são produzidas memórias do futuro – compreendidas como processos comunica-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, SP, Brasil.

tivos, codificadas por determinados operadores.³ Tanto a pesquisa quanto o artigo se inscrevem no campo comunicacional e ao subcampo ligado à pesquisa acadêmica. Conforme indica Lopes (2001, p. 48), "a pesquisa acadêmica tem a finalidade de produzir conhecimento teórico e aplicado (ciência básica e aplicada) através da construção de objetos, metodologias e teorias". A proposta da pesquisa apresentada ao CNPq é conceituar memórias do futuro colaborando para os estudos do campo teórico da memória em sua interface comunicacional.

Nessa visada, parte-se do entendimento de que a memória é propriedade da semiosfera, isto é, do espaço de produção de sentidos gerado pelas culturas tendo como referência a Teoria Semiótica de Tártu-Moscú (Lotman, 1996). A memória é, então, compreendida como parte formadora dos textos gerados pela(s) semiosfera(s). Para tanto, a memória deve ser codificada, e, nossa empreitada é identificar os códigos para que a memória possa ser considerada não apenas como marca da coisa lembrada, isto é, memória do passado, mas como projeção e expectativa de futuro(s) fazendo uso de heterotopias, utopias e de outros códigos não apresentados no presente trabalho.

O artigo, propriamente, objetiva investigar como essas memórias são geradas no espaço social urbano. Para tanto, de modo pontual, exploramos, em Lefebvre (1999), o conceito de cidade, em sua evolução, à compreensão contemporânea de sociedade urbana; em Berman (1982), as contradições da vida moderna no capitalismo e, nesse sentido, a leitura de Engels (1986) sobre o excedente da força de trabalho perambulando pelas ruas das cidades industriais inglesas em busca de sobrevivência; em Benjamin (1994) e em Baudelaire (2009), destacamos a presença

do *flâneur* e a condição precária das *famílias de olhos* deflagradas na modernidade. Por outro lado, João do Rio (2007), Kowarick (2019), Pechman (2002), entre outros autores brasileiros e latino-americanos (Romero, 2010), ajudam a pensar as espacialidades e seus atores em São Paulo, concebida como entramado⁴, lugar de nossa pesquisa de campo, onde os olhos dos pobres continuam se multiplicando.

Com base na proposta de Moriceau (2020) sobre a virada afetiva nas pesquisas acadêmicas, realizamos aproximações com pessoas em situação de rua, à escuta de seus relatos⁵. Trazemos a hipótese de que utopias e heterotopias codificam memórias do futuro que significam, sobretudo, projeções e expectativas (Nunes; Bin, 2021). Para articular essas memórias ao espaço e à vida vulneráveis, contribuem Butler (2022), Negri (2015), Jedlowski (2016), Keightley e Pickering (2012), Foucault (2015) e Jacoby (2007).

Dividido em quatro seções, além das considerações iniciais e finais, o artigo parte da produção do espaço urbano nascido na modernidade europeia; na sequência, explica o percurso metodológico; a seguir, discute aspectos da cidade paulista para, depois, articular os conceitos de memórias do futuro e seus códigos aos depoimentos obtidos. Esperamos demonstrar que, em certas circunstâncias, as memórias geradas podem criar outros mundos possíveis.

Espaço urbano, modernidade e famílias de olhos: pontuações necessárias

Na evolução do conceito de cidade, segundo Lefebvre (1999), da cidade política, à complexidade social contemporânea, um aspecto distingue o espaço urbano ao longo dessa transformação, a coesão de sua resistência. A cidade política consistia na vida social organizada, concebida

³ Projeto desenvolvido por Mônica R. F. Nunes referente à bolsa de produtividade PQ 2 (2021-2024) intitulado *Memórias do futuro, códigos e consumos: teatralidades steams, textos e espaços*. Processo: 308261/2020-8. Pesquisa desenvolvida com apoio de membros do grupo de pesquisa Mnemon – memória, comunicação e consumo (PPGCOM-ESPM/CNPq) do qual Marco Antônio Bin é integrante. Este trabalho inscreve-se no eixo investigativo sobre a produção de memórias do futuro nos espaços sociais. Entre o encaminhamento, a aprovação e publicação deste artigo, outras vozes foram escutadas, como a de migrantes e a de integrantes de movimentos sociais por moradia. A hipótese de que utopias e heterotopias operam como códigos para a tecitura da memória do futuro foi mantida, mas também as ucronias cumprem o papel de codificador. Esses resultados estão explicitados em Nunes (2024).

⁴ O conceito de entramado diz respeito a uma rede invisível tecida pelos percursos que cruzam e conectam os diversos pontos do espaço urbano, em que pobreza e riqueza se misturam (Telles; Cabannes, 2006).

⁵ Relatos gravados e autorizados para uso de nome real de cada depoente.

a partir da escrita – consideremos em sua organização os sacerdotes, nobres, chefes militares, administradores, escribas – cuja ordenação hierarquizada do poder incluía artesãos e operários, sobretudo para a confecção de materiais para a guerra. Os lugares destinados às trocas se localizavam fora dos limites da cidade política. Conforme Lefebvre (1999, p. 22), “o processo de integração do mercado e da mercadoria (as pessoas e as coisas) à cidade dura séculos e séculos”. Havia o receio e a resistência à presença de mercadorias no espaço do encontro político, daí aqueles heterotópicos⁶ para as atividades do mercado e a prática dos mercadores. Com o estabelecimento do mercantilismo na Europa ocidental, já no século XIV, a arquitetura da cidade comercial passa a incorporar em sua centralidade, a praça do mercado, juntamente com a igreja e a prefeitura, tornando-se lugar de encontro.

Com a emergência do capital industrial, surge a cidade industrial cuja atividade para prosperar faz com que se estabeleça ao largo das fontes de energia, de matérias-primas e, principalmente, das reservas de mão de obra. Nesse sentido, já em meados do século XIX, a exploração dos recursos econômicos resulta na expansão desenfreada dos centros de maior porte, bem como em sua degradação e no aprofundamento das desigualdades sociais. O relato de Engels sobre as condições dos trabalhadores ingleses é pungente:

[...] a indústria inglesa tem necessidade de um exército de trabalhadores desempregados, para que possa produzir as quantidades de mercadorias que o mercado reclama [...]. Essa reserva, à qual pertence uma enorme multidão de pessoas [...] é a população excedente, que vegeta penosamente, mendigando e roubando, varrendo as ruas e apanhando os excrementos, fazendo fretes com a ajuda de uma carroça e de um burro [...]. Em todas as grandes cidades inglesas podemos ver uma multidão de pessoas que, como dizem os ingleses, ‘mantém o corpo e a alma juntos’ graças a alguns pequenos ganhos ocasionais (Engels, 1986, p. 102-103).

Mais ou menos ao tempo em que Engels desenvolve suas análises sobre a realidade do ca-

pitalismo na Inglaterra, Edgar Allan Poe escreve “O homem da multidão” (1993), em 1840, tendo como cenário a cidade de Londres. O conto expressa a densidade da multidão iluminada pelas luzes das ruas, a minuciosa descrição das pessoas, dos trajés, das expressões fisionômicas que identificavam os comerciantes e fidalgos, os que pertenciam ao grupo dos funcionários, os bêbados, os esfarrapados e mesmo os batedores de carteiras. Tudo e todos observados pelo narrador sentado ante a grande vitrina do *Café D*. Walter Benjamin, ao comentar a obra de Poe, sublinha que “o fenômeno da rua como interior, fenômeno em que se concentra a fantasmagoria do *flâneur*, é difícil de separar da iluminação a gás” (Benjamin, 1994, p. 47). Essa obsessão pelos diversos tipos humanos que compõem a multidão, e que culmina, no conto, com a perseguição do narrador ao velho decrépito que avista do outro lado da vidraça, aos mais diversos recantos da grande cidade, ocorre à noite, e se “no começo, as ruas se transformavam para o *flâneur* em interiores, são esses interiores que se transformam em ruas, e, através do labirinto das mercadorias [a galeria], ele vagueia como outrora através do labirinto urbano”, retoma Benjamin (1994, p. 51).

Estamos diante da modernidade que se desenha no contexto da vida urbana, e como nos demonstra Engels, cada vez mais adensada por mão de obra desejosa de oportunidades. Essa vida moderna tem suas peculiaridades e expressa suas contradições que se aprofundam com o desenvolvimento do capitalismo. Berman, ao citar Baudelaire sobre o heroísmo da vida moderna, sublinha o espetáculo da vida elegante que se entrecocha com as experiências fluidas de criminosos e mulheres reclusas, amontoados nos subterrâneos da grande cidade, e afirma: “o ponto crucial do heroísmo moderno [tal como o vê Baudelaire] é que ele emerge em conflito, em situações de choque que permeiam a vida cotidiana no mundo moderno” (Berman, 1982, p. 140).

Essas considerações acerca da modernidade do capitalismo na vida urbana nos parecem

⁶ O conceito de heterotopia se refere a um lugar absolutamente outro, à parte do espaço hegemônico praticado na vida cotidiana (Foucault, 2015).

oportunas para destacar suas contradições. A modernização levada a cabo por Hausmann em Paris aproxima os olhares de Baudelaire para a modernidade, que vimos presentes por razões distintas, tanto em Engels como em Poe, ao descreverem as milhares de pessoas de todas as classes e posições, que se embatem diariamente umas às outras nas ruas, cujo "único acordo tácito entre elas é o de que cada uma conserve o lado da calçada à sua direita [...] sem que ocorra a qualquer uma a concessão de um mero olhar" (Benjamin, 1994, p. 114-115). O olhar perscrutador nas apreensões e na *flânerie* de *O homem na multidão*, se estende, mas de maneira dolorosa em Baudelaire, em *Os olhos dos pobres*, um dos poemas em prosa do *Spleen de Paris* (2009).

Logo no início, há a descrição da exuberância do Café, localizado em um dos novos bulevares em construção, concebidos nas reformas urbanísticas de Hausmann. Um casal sobre o qual não há qualquer descrição, mas que aparentemente pertence à burguesia, que realiza "um sonho que nada tem de original, senão o fato de, sonhado por todos os homens, não ter sido realizado por nenhum" (Baudelaire, 2009, p. 133). O contraponto vem a seguir: o pai, um filho que lhe dá a mão e um pequeno ao colo, todos em andrajos, observam o ambiente do Café através da vidraça enquanto caminham para "tomar o ar da noite". Os olhos do pai, do menino e da criança cintilam, como se dissessem em uníssono: que bonito, que bonito! É o menino quem expressa o comentário decisivo: "só que é uma casa onde só entra gente que não é como a gente" (Baudelaire, 2009, p. 134).

Ao constatar a presença daquela família pobre, porém separados pelo vidro, o narrador se sente comovido com a "família de olhos", ao mesmo tempo que envergonhado "com nossos copos e jarras, maiores que a nossa sede" (Baudelaire, 2009, p. 134). E será a mulher, sua companhia, que fará o comentário que o desagrada profundamente, "não suporto essa gente, esses olhos arregalados! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui?" Talvez ainda existisse um resquício de humanidade aos que frequentavam esses lugares tão especiais e

deparassem, como o narrador, com a pobreza, com a alteridade. Os abismos, embora já profundos, forneciam a matéria para contemplar as desigualdades e sentir-se envergonhado. É oportuno lembrar Berman, quando afirma que os olhos esfarrapados descritos por Baudelaire, os olhos famintos e expulsos com as reformas urbanas para os bairros afastados, que eles não irão embora, "os bulevares, abrindo formidáveis buracos nos bairros pobres, permitiram aos pobres caminhar através desses mesmos buracos, afastando-se de suas vizinhas arruinadas [...]" (Berman, 1982, p. 148-149).

Esses bairros iluminados eram uma novidade nos anos do Segundo Império francês e vieram para ficar. Se considerarmos a cidade mercantilizada latino-americana, que começa a ganhar contornos no início do século XX, o velho patriarcado vê desaparecer a "grande aldeia" em que controlava as atividades econômicas, dando lugar a uma sociedade heterogênea, fazendo desaparecer a relação direta de uns com os outros (Romero, 2010, p. 260). Objetivamente, isso significa uma progressiva despersonalização das relações sociais, e com isso a instalação de um estranhamento (mais apropriadamente, discriminação) por parte das classes tradicionais em relação à massa de grupos imigrantes, a princípio, e mais adiante, por migrantes oriundos das regiões menos desenvolvidas. Crescem os setores marginais das grandes cidades, paulatinamente caracterizados em uma outra modalidade, moradores em situação de rua, onde o anonimato e a péssima condição de vida passam a tomar "um ar mais áspero e cruel, como se faria áspera e cruel a nova miséria urbana" (Romero, 2010, p. 272).

O percurso das aproximações

A cena dos olhos famintos descrita em Baudelaire é plena de violência simbólica exacerbando a fragilidade da pequena família. Butler (2022) afirma que a vulnerabilidade e a dependência dizem respeito à condição de todos nós; enfatiza a vulnerabilidade ao outro e aquela constituinte da vida física, entretanto, diferenciadas em sua distribuição geopolítica. Sob o signo das vidas

precárias, podemos aproximar as tantas famílias de olhos, ou os olhos solitários desvendados com a urbanização das cidades no raiar da modernidade europeia, aos nossos dias.

Souza e Steigleder (2014) reiteram o fato de que o capitalismo e a Revolução Industrial trouxeram desenvolvimento a alguns países e miséria e subdesenvolvimento a outros, com industrializações dissemelhantes. Nas sociedades capitalistas latino-americanas, como já explicou Renato Ortiz (1988), García-Canclini (2006), Romero (2010), entre outros, a modernidade se realizou de modo heterogêneo, assimétrico e contraditório. Hoje, mais do que nunca, famílias de olhos miseráveis perambulam pelas ruas das cidades brasileiras. Circulam ou permanecem lá, sob cobertas, invisibilizadas, por pouco pisoteadas, podendo instaurar a pergunta já clássica: quais vidas valem a pena ser vividas? Quais valem ser enlutadas? (Butler, 2022). Podemos acrescentar: quais vidas valem ser recordadas?

Jean-Luc Moriceau (2020), ao discorrer sobre a virada afetiva nas pesquisas acadêmicas, se conecta ao que temos desenvolvido como grupo de pesquisa há bastante tempo⁷, especialmente ao propor que o encontro entre sujeitos da pesquisa e pesquisadores, em suas subjetividades, conduza a pesquisa nutrida pelo acaso e pela imprevisibilidade. Por isso, apropriamo-nos de suas ponderações para apresentar nossas aproximações com os três sujeitos em situação de rua retratados no artigo: Eduardo, Ranulfo e Claudemir. Com eles, tecemos nossas reflexões sobre memórias do futuro projetadas sobre o espaço urbano, particularmente com Claudemir.

A virada afetiva prevê que a pesquisa se inicie com “o encontro com o outro, com o mundo e com o evento, com o que está vindo – e assim se volta não para temas previamente identificados, mas para o que no encontro é percebido” (Moriceau, 2020, p. 24). Do mesmo modo, compreendemos que o pesquisador será sempre posto em relação e interação com os sujeitos e sujeitas da pesquisa, com seu entorno e com seu ambiente

que gera vínculos comunicacionais e emocionais.

São os corpos-mídia dos sujeitos encontrados e pesquisadores, sensoriais, perceptuais e cognitivos, que se ligam por meio de suas memórias e experiências. Entendida dessa maneira, a pesquisa afetiva se articula às reflexões de Butler (2022) sobre como nossos corpos são constituídos politicamente pelas vulnerabilidades. Corpos que se apegam uns aos outros e, devido às perdas inelutáveis, estão em constante desfazimento. Desse modo, o encontro com o outro em situação de rua, em sua radical alteridade, deixa vestígios, marcas e afeta os pesquisadores.

Em meados de 2010, tomados pelo contato cotidiano com pessoas invisibilizadas atrás de uniformes, balcões ou trapos deambulando pelas avenidas, alimentamos o desejo de dar visibilidade, nomear esses sujeitos dando origem a um projeto antropológico-literário (Nunes; Bin, 2011). Conhecemos, assim, Eduardo. Viveu na rua desde criança. Encontramo-lo sob os labirínticos entroncamentos do viaduto Júlio Mesquita Filho, no centro da capital de São Paulo. Entre seus poucos pertences, ele não manifestou nenhum incômodo com a conversa surgida da aproximação cujo desenvolvimento provocou a escritura do conto *Yuri e Eduardo* (Nunes; Bin, 2011).

Daquela experiência, outras pesquisas materializaram nossas afetações nos levando a pensar o espaço urbano e seus sujeitos excluídos da partilha da modernidade. Em 2017, foi a vez de conhecermos Ranulfo, pintor desempregado, nas ruas da capital paulista, e daí brotarem novas reflexões sobre espaços citadinos (Bin, 2022). Claudemir é o único com quem conversamos especialmente para essa pesquisa, por isso, seu relato se distingue dos demais.

A decisão por reunir tais falas, vindas das ruas em momentos diferentes e as integrar a essa fase da investigação sobre as memórias do futuro, deu-se porque o contínuo estado de despossessão e precariedade absolutas vividas no Brasil, colocam Eduardo, Ranulfo e Claudemir ainda como protagonistas desse estado de coisas. De

⁷ Pesquisas do Grupo MNEMON – memória, comunicação e consumo (PPGCOM/ESPM/CNPq).

alguma forma, podem emprestar suas vozes a outros não contemplados aqui. Pesquisa de dados realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), noticiada pela Agência Brasil (2023), conclui que "no período de dez anos, de 2012 a 2022, o crescimento desse segmento vulnerável foi de 211%."⁸ Praticamente o mesmo período que distancia os depoimentos de Eduardo (2010) daquele de Claudemir (2023). Seus discursos dispersos no tempo podem relatar conosco a brutalidade do espaço urbano hoje. Segundo o levantamento do CadÚnico, o Brasil tem 242.756 pessoas em situação de rua, das quais 165.774 são negras (soma de pessoas pretas e pardas), representando 69% dessa população no país. Este número é mais do que o dobro de pessoas brancas, incluindo indígenas e amarelas. Somente em São Paulo, são quase 100.000 pessoas (99.744) nessa condição, sendo 62% negras⁹, como é o caso de Eduardo, Ranulfo e Claudemir.

Os relatos mostram, paradoxalmente, como a memória, compreendida não como um depósito passivo, mas como mecanismo semiótico gerador de novas informações, de novos textos, parafraseando Iuri Lotman (1996), pode ser caracterizada como memória do futuro codificada pelas heterotopias e utopias em direção ao comum. Em Negri (2015, p. 72), o "Comum é aquilo que uma vez se chamou de instância de emancipação [...]. É se declarar juntos. No trabalho, na produção, na construção de modelos culturais, além de igualdade [...] construir Comum, comum produtivo". Pensando com Butler (2022), o reconhecimento da vulnerabilidade, sua nomeação, cria a chance de transformar sua significação e estrutura. Nossa pesquisa tem esse desejo.¹⁰

A janela e a sobrevivência nas ruas

Foi de minha janela¹¹, diante de uma artéria urbana bastante movimentada ao longo do dia, que o vi pela primeira vez. Em relação aos outros

tantos que circulavam pela rua e se estabeleciam de modo provisório, acampando por poucos dias, Claudemir permaneceu praticamente durante vários anos no mesmo lugar, encastelado nos dois degraus disponíveis de uma das entradas de um antigo posto da Receita Federal, que se encontrava fechado, na esquina da rua Augusta com a rua Luiz Coelho. Durante os dias, permanecia sentado nos degraus ora observando o movimento, ora lendo, ora circulando pelas redondezas, ainda que sem se misturar com a multidão. Negro, de alto porte, destacava-se facilmente, e por sua permanência no mesmo local, passei a considerá-lo meu vizinho. À noite, sempre se recolhia sob a frágil cobertura de plástico, em um dos raros momentos em que o silêncio consegue invadir as ruas. Em minhas primeiras aproximações, revelou um tom baixo, que juntamente com a profusão de ideias, e do trânsito em frente, tornava difícil a compreensão de sua fala. Foi possível constatar uma ou duas coisas: gostava de ler e de acolher seus visitantes. Nunca foi agressivo tampouco um pedinte: apenas ficava ali naquela esquina. Devido à minha constante presença, gostava de me identificar já a certa distância. Quando eu passava do outro lado da rua, cumprimentava animadamente.

Vê-lo da janela tornou-se minha obsessão; eu queria saber se o meu vizinho estava bem ou, de alguma forma, sofrendo com a violência da rua. Nesse sentido, isso pouco se assemelhava, por exemplo, com o personagem de Hoffmann (2010), que observava a praça central de Berlim da janela da casa de seu primo, em um dos mais remotos relatos acerca da multidão moderna; a aglomeração, pouco agitada, como revela o primo observador. Há uma circulação próxima do harmonioso na praça, entre os consumidores e os vendedores nas barracas; não há menção ao desemprego ou à presença de desempregados. Mesmo na descrição do narrador de Poe, que

⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/ipea-populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-supera-281-mil>. Acesso em: 31 maio 2023.

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CocNGUcOkQH/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D&img_index=1. Acesso em: 19 set. 2024.

¹⁰ Nos próximos parágrafos, em alguns momentos, utilizamos a primeira pessoa do verbo para contextualizar nossos encontros e impressões com os sujeitos em situação de rua entrevistados para o artigo.

¹¹ Relato de Marco Antônio Bin.

escreveu seu conto em 1840, dezoito anos mais tarde e retomado posteriormente por Baudelaire na década de 1860, as rudezas da rua moderna são retratadas através dos traços distintivos dos grupos que circulam, dos efeitos da luz urbana que revelam as expressões faciais e os percursos tortuosos.

A configuração urbana hoje mostra-se completamente diferente daquela vista pelos escritores da segunda metade do século XIX, como ressalta Menezes (1997, p. 85-86) ao comparar os cenários urbanos atuais aos dos dias de Baudelaire: "as cidades passaram por um inchaço maior do que o inicialmente previsto, passou-se em cem anos das cidades industriais às metrópoles do início do século [XX], depois às megalópoles dos anos 50/60 e hoje a uma diversidade urbanística [...]." No caso específico do Brasil e de outros países em desenvolvimento, o autor refere-se aos mega aglomerados das grandes cidades industrializadas, como é a cidade de São Paulo, em que habitam Claudemir, Eduardo e Ranulfo.

Nas conversas com Claudemir, sua situação de rua aparece como consequência do desemprego. A modernidade brasileira e especialmente a paulista, iniciada de maneira tardia a partir de 1890, não contempla em condições de igualdade o trabalhador imigrante e o brasileiro, em especial, o negro. Conforme Kowarick,

o trabalhador nacional [...] permaneceu à margem das tarefas fabris, numa situação de rejeição que desabou, devido aos fortes preconceitos de cor, particularmente sobre o negro e o mulato, que traziam estampada na pele a pecha que a escravidão tão forte sedimentara (Kowarick, 2019, p. 120).

Além de se atribuir a esses trabalhadores os serviços mais aviltados e pesados, eles estavam presos ao estereótipo de serem trabalhadores preguiçosos, que preferiam viver na vadiagem.

Ao tempo em que Baudelaire descrevia a *flânerie* na modernidade europeia, a sociedade brasileira se segmentava sob os preceitos da ordem e da contenção social, rotulando como vadios os pobres, considerados desocupados que perambulavam pela cidade, relacionados à conduta desordeira, e como boa sociedade à

burguesia embranquecida, exemplo de sociabilidade. Pechman (2002, p. 99) aponta que o trabalhador urbano, ao circular pelas vias em busca de trabalho, era costumeiramente identificado como vagabundo, e observa: "não é por outro motivo que a palavra vadio deriva, segundo o Dicionário de Moraes e Silva, do latim *vagativu*, que é aquele que vagueia, que não tem ocupação ou que não faz nada." O autor argumenta que a formação do preconceito e a criminalização da vadiagem e da mendicância resultam em ações policiais destinadas a cercar a vadiagem no meio urbano. Bastava vaguear pela cidade na viração diária para ser considerado vagabundo e identificado como desordeiro. Em uma sociedade escravista, e mesmo depois do fim da escravidão formal, a fluidez era suspeita e controlada. A segregação se consolidava à medida que a vadiagem significava impossibilidade de socialização. Considerando as transformações urbanas no Rio, no início do século XX, a imposição do bota-abixo visava retirar os moradores das áreas centrais da cidade e construir uma capital higienizada, como relata Nicolau Sevcenko,

Para as autoridades, aquela situação [pessoas acumuladas nos casarões deteriorados na área portuária] era insalubre, insegura e de difícil controle. Sobretudo, aquela população, majoritariamente constituída de negros, forros e ex-escravos, seus descendentes e convivas, representavam um foco de cultura considerada 'bárbara', com seus tambores, danças sensuais, rituais e festas pagãs, capoeiragens e mandingas. Tudo isso depunha contra a imagem de modernidade à europeia (Sevcenko, 2000, p. 60).

A condição de Claudemir, em nossos dias, persiste como indicativo da profunda desigualdade de nossa sociedade, hierarquizada, onde o vadio, pobre/negro que circula pelas ruas é, ainda hoje, considerado como a grande ameaça (Pechman, 2002). Claudemir, mesmo que não lastime a situação em que se encontra, sofre as consequências diretas do descaso com as políticas públicas. Quando perguntado se ficou desempregado devido às mudanças de estratégia produtiva na metalúrgica em que trabalhou, ele tem dificuldades em atacar diretamente o problema, e res-

ponde: "É... fica sem emprego porque na verdade... eu acho que a mão de obra vai aumentando... a mão de obra, a coisa da oferta e da procura, a mão de obra é uma coisa, o trabalho é vendido [...]" (Elias, 2023, informação verbal). Agora ele vive se instalando provisoriamente aqui e acolá, impossibilitado de continuar como "meu vizinho", na rua Augusta, em razão da violência sofrida no local. Seu trabalho é intermitente. Quando o entrevistamos, ajudava a vender livros com um livreiro de rua, na esquina da Augusta com a avenida Paulista. Mas também recolhe latinhas para reciclagem. "Eu junto latas, a latinha ajuda no meio da semana, trabalho no final de semana aqui [com a venda de livros usados]" (Elias, 2023, informação verbal).¹²

No início do século passado, João do Rio, em suas perambulações pelas ruas da grande cidade, no Rio de Janeiro, então a capital do país, descreve uma rua que, ao contrário daquela que convoca o *flâneur* a desvelar e a sentir sua alma, é "construída na imaginação e na dor, rua abjeta e má, detestável e detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo trânsito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo" (Rio, 2007, p.34). Pela presença de seus sofridos habitantes, ela não é a rua perecível como o homem, mas eterna como o medo, a infâmia, a inveja, e complementa mais adiante, "se chorastes, se sofrestes a calúnia, se vos sentistes ferido pela maledicência, podereis ter a certeza de que entrastes na obscura via [...] quanto mais se procura dela sair, mais dentro dela se sofre" (Rio, 2007, p. 35). É a rua que não acalenta, que não inspira, que não brilha perante o progresso, mas que reserva seu espaço para o desdém, para essa obscuridade a qual João do Rio destaca no final. Aí o *flâneur* não se surpreende, sabe o desconsolo que há de encontrar, como Canetti em sua *flânerie* pelo *Mellah* de Marraqueche¹³, quando se dá conta que, simultaneamente ao seu olhar que desvela o espaço urbano, também há os olhares que o perscrutam,

[...] Havia também olhares hostis, frios, indiferentes, reprovadores e infinitamente sábios. Mas nenhum parecia estúpido. Eram os olhares de quem vive sempre em alerta, mas não deseja, entretanto, suscitar hostilidade: nenhum traço de provocação e uma angústia sabiamente dissimulada (Canetti, 2006, p. 46).

Olhares que portam angústia e que são sabiamente dissimulados, lançados em um mundo hostil e mesmo submetidos a uma vida invisibilizada, não deixam de exprimir indignação e sapiência, como no caso de Ranulfo Farias, negro, estatura mediana, forte, com seus mais de sessenta anos, cuja presença nas ruas se dá puxando uma carroça de mão, carregada de quinquilharias que lhe servem de meios de sobrevivência.

Ele se encontrava em uma esquina do bairro da Vila Mariana e conversava animadamente, e com minha aproximação, reagiu com desconfiança, dando a entender que seria melhor deixá-lo quieto. Logo questionou meu desejo de conversar, duvidando de que a aproximação iria ajudá-lo de algum modo, "essa entrevista pode ajudar a você, mas a mim não vai fazer diferença" (Farias, 2017, informação verbal)¹⁴ diz Ranulfo, sem rodeios. Seu corpo expressa uma ambiguidade que persiste ao longo da conversa, ao mesmo tempo que demonstra inquietude e pouca paciência, por alguma razão permanece, talvez compreendendo que seja importante falar. Sua solidão perene, em meio à circulação de indiferentes, criara uma crosta de proteção que lhe ajudava a selecionar as pessoas com quem desejava interagir. Com indignação, reagiu às circunstâncias de sua vida, "agora, aos 65, eles querem mais 15 anos de contribuição previdenciária, então vou ter de morrer ali debaixo" (Farias *apud* Bin, 2022, p. 135), e aponta para sua carroça, com a qual vende sua força de trabalho para sobreviver. A ambiguidade, agora nas ideias, revelou-se quando diz que votou em Maluf e é fã de Che Guevara, "el comandante Che" (Farias, 2017, informação verbal).¹⁵

¹² ELIAS, C. [51 anos]. [Imaio, 2023]. Entrevistadores: Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 7 de maio de 2023.

¹³ O Mellah de Marraqueche é o bairro judeu na parte antiga da cidade, demarcado por muralhas.

¹⁴ FARIAS, R. [64]. [julho, 2017]. Entrevistadores: Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 4 de julho de 2017.

¹⁵ FARIAS, R. [64]. [julho, 2017]. Entrevistadores: Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 4 de julho de 2017.

Conheci Eduardo nos baixios do viaduto Júlio de Mesquita Filho, no centro de São Paulo. Estava do outro lado da Radial Leste, uma importante via arterial da cidade que liga a região central aos bairros da Zona Leste. O movimento incessante de automóveis e a inexistência de faixas de pedestres impedia a possibilidade de uma aproximação natural. Durante mais de quinze minutos, observei-o a distância, aguardando a mínima oportunidade para atravessar as duas pistas, ultrapassar os gradis de proteção e alcançá-lo para uma eventual conversa. Na verdade, o espaço urbano naquele local, tal como se desenhava, era um absoluto impeditivo para uma aproximação antropológica e uma vivência social, da maneira como Eduardo exercia. O encontro, por fim, ocorreu, dando-se em um espaço diminuto, não mais de três metros quadrados, por trás de uma proteção de cartazes de propaganda política amparada pelas vigorosas paredes do viaduto, o que lhe servia mais de refúgio do que de habitação, sob um grafite do herói Besouro Verde.¹⁶ Um lugar desolado, em meio à penumbra perpétua, um desses não lugares muito comuns nas grandes cidades, espaços “que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos, classificados [como] lugares de memória” (Augé, 1992, p. 73). A breve conversa foi marcada pelo ruído ensurdecedor dos automóveis e pelo comportamento prestimoso do meu interlocutor:

(Marco): Há quanto tempo você vive aqui

(Eduardo): Sempre vivi na rua.

(Marco): Sempre? Quantos anos você tem?

(Eduardo): 47.

(Marco): E sua família está aqui?

(Eduardo): Não tenho família, mas também gosto de estar sozinho.

(Marco): (olhando para outro homem igualmente em situação de rua) É amigo seu?

(Eduardo): Eu conheço ele. Tenho de tomar cuidado, senão ele vem e pega minhas coisas.

Como se não bastasse o embate cotidiano contra pessoas intolerantes que agridem sua integridade física e das constantes abordagens policiais, Eduardo demonstrava a necessidade de manter-se alerta diante dos próprios vizinhos que, como ele, encontravam-se em situação de rua.

A socióloga argentina, María Peralta comenta que, nos últimos anos, a definição de espaço público¹⁷ considerada hegemônica “concebe como um lugar onde se realizam ou materializam valores ideológicos abstratos, sumamente investidos de moralidade, tais como a democracia, o civismo, a cidadania e o consenso” (Peralta, 2017, p. 137). Ela observa que as pessoas que não atuam dentro dessa representação de boa cidadania, são vistas como presenças indesejadas, o que incide na marginalização, estigmatização ou criminalização. Assim, os cidadãos discriminados, que ocupam o espaço público à revelia daqueles considerados como cidadãos de bem, principalmente no caso das pessoas em situação de rua, submetem-se a esse processo de agressão contínua: violência do braço armado do Estado, “intolerância e o ódio ao pobre, base da visão higienista” (Outrasmídias, 2019), e, desse modo, sujeitos às práticas de repressão policial, como vimos anteriormente, quando nossa sociedade ainda buscava os caminhos da modernidade, no século XIX.

Memórias do futuro e o “cimento social”

Sabemos que a estigmatização e a discriminação de pessoas em situação de rua podem redundar em isolamento e silêncio.¹⁸ Muitas minorias são silenciadas e não são poucos os estudos

¹⁶ O Besouro Verde, em inglês *The Green Hornet*, foi um personagem de rádio criado em 1936 por George W. Trendle e Fran Striker, mais conhecido na série televisiva dos anos 1960, interpretado por Van Williams. Em 2011, foi adaptado ao cinema pela Columbia Pictures e estrelado pelo ator Seth Rogen. Disponível em: https://fantas.fandom.com/pt/wiki/O_Besouro_Verde. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹⁷ O espaço público é considerado como aquele espaço que, dentro do território urbano tradicional, sendo comum e de posse coletiva, pertence ao poder público (Narciso, 2009, p. 266).

¹⁸ Há registros recentes de inúmeras iniciativas de proporcionar escuta às pessoas em situação de rua, como os consultórios psicanalíticos de rua (Maroni, 2022) entre outras tentativas de acolhimento, especialmente no programa do atual governo Lula (Ver: BARRETO, Eduardo. Governo Lula planeja programa para pessoas em situação de rua. In: **Metrópoles**. [S. l.], 13 mar. 2023. Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/governo-lula-planeja-programa-para-pessoas-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 18 jun. 2023).

sobre as relações entre silêncio, esquecimento e memória, a exemplo dos desenvolvidos por Régine Robin (2016). Entretanto, nossa tentativa de aproximação e escuta é a de compreender se as memórias geradas pelos relatos podem (ou não) criar outros mundos possíveis ainda que codificadas pela heterotopia – isto é, como utopia situada (Foucault, 2015), e, dessa forma, ser compreendida como memória do futuro.

Do ponto de vista dos estudos neuronais, o termo memória do futuro aparece em Ingvar (1985). O pesquisador explica que córtex pré-frontal lida com a organização temporal do comportamento e da cognição; as mesmas estruturas abrigam os programas de ação ou planos para comportamento e cognição futuros. Como esses programas podem ser retidos e lembrados, eles podem ser chamados de memórias do futuro. As lesões no córtex pré-frontal podem levar à perda da capacidade de prever ações futuras, como também demonstrou Damásio (1996), ao apresentar casos de pacientes com danos nessa região cerebral impactados em suas tomadas de decisão e planejamento para o futuro associados às emoções.

Jedlowski (2016), citando o estudo de Ingvar (1985), postula que alguns tipos de memórias do futuro existem socialmente não apenas do ponto de vista neuronal, como tradições ou instituições que funcionariam como planos de ações ou sistemas de expectativas estocados nas sociedades. Tais planos de ação também podem ser observados em relatos autobiográficos.

Em nossa investigação, consideramos os estudos neuronais e os socioculturais que já apresentaram o termo, porém, propomos conceituar as memórias do futuro como tecido comunicativo, isto é, em seu aspecto semiótico, cujos sentidos, na cultura, “não se conservam, mas crescem” (Lotman, 1996, p. 160). Em nossa pesquisa, os sentidos das memórias do futuro crescem e são codificados por alguns operadores, como a heterotopia e a utopia, entre outros não discutidos neste artigo, como já mencionado. A seguir,

reportamos trechos do relato de Claudemir à luz de algumas considerações de Jedlowski (2016) e, na sequência, a outras reflexões teóricas. Antes, narramos nosso encontro.

Sob o sol ameno de maio, subi¹⁹ timidamente a rampa da Augusta, a parte mais inclinada da rua no cruzamento com a Avenida Paulista. Havia um certo cuidado de minha parte em abordá-lo, considerando nunca ter entrevistado uma pessoa em situação de rua, e por minha própria vulnerabilidade, ainda relativa à COVID-19. Claudemir estava de máscara respiratória, eu também. Era domingo e o comércio ambulante fartava as calçadas. Ele se abaixava e se levantava ajeitando livros e folhetos sobre o chão. O livreiro, sentado em uma cadeira de praia, observava o trabalho. Cumprimentamos os dois e pedimos para conversar. Aguardamos até que a última pilha de livros estivesse cuidadosamente disposta, com suas capas à mostra aos passantes. Estávamos em pé. Face a face, recebíamos a história de um homem de 51 anos, que trazia as marcas de quem vive na rua, acabrunhado, mas de olhos risonhos.

De fundo, a voz gaguejante sob as palavras, às vezes encadeadas outras nem tanto, sugeria solidão. Seu discurso desviante, pleno de não ditos, faz da memória esconderijo. As razões da chegada às ruas nunca despontam. Uma história apagada e substituída por outras subjaz aos seus ditos, impondo silêncios. História esquecida? Talvez traumática, inenarrável, ao menos naquela aproximação.

A primeira pergunta que fizemos foi sobre sua origem. Curiosamente, junto à sua cidade natal, surge uma referência a um trabalho exercido em tempos passados sobre o qual não havíamos perguntado: “eu nasci em Campinas, eu trabalhei com circo” (Elias, 2023, informação verbal).²⁰ Os trabalhos desempenhados emergem em quase todas as suas respostas, mesmo quando indagamos sobre sua vinda para São Paulo:

(Marco): E o que você fazia no circo?

¹⁹ Relato de Mônica Rebecca Ferrari Nunes

²⁰ ELIAS, C. [51 anos]. [Maio, 2023]. Entrevistadores: Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 7 de maio de 2023.

(Claudemir): Assistente de espetáculo, que eles chamam de contrarregra, mudança, com mudança de circo.

(Mônica): Ah, o circo vai para um lugar, você ajuda a levar?

(Claudemir): Ajuda a carregar mesmo as carretas, ter de ficar tipo vigia na área de mudança, entendeu?

(Mônica): Sim, sim. E aí você veio para São Paulo?

(Claudemir): Eu vim para São Paulo, já trabalhei com sorvete na rua.

Pedimos para que conte como as ruas entraram em sua vida, mas Claudemir silencia ou apaga os motivos criando "esquecimentos sistemáticos", usando a expressão de Régine Robin (2016). Continua a substituir a resposta de seu estado atual pelas referências aos trabalhos que exerceu: "Eu fui metalúrgico" (Elias, 2023, informação verbal).²¹

Discorre sobre as atividades que desenvolveu na metalurgia: "mecânico 3, metrologia, banho químico". Robin (2016, p. 93) ajuda a conceituar o modo pelo qual assistimos ao esquecimento operado pela narrativa de Claudemir, e, dialeticamente, a construir suas memórias – ao substituir a informação que pedimos por outra. A historiadora afirma: "o verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar da outra [...] ou ainda voltar atrás passando por cima de um passado recente, obliterado em favor de um mais antigo." Ora de modo coeso, ora menos articulado, conduz seu relato até o tempo presente sempre mencionando seus trabalhos passados e os de agora, como o de catador de latinhas, que realiza durante a semana, e, nos finais de semana, como ajudante de livreiro ambulante, mas nunca a razão de estar na rua.

Jedlowski (2016) compreende a memória do futuro como intersecção de projeções e pode aparecer em práticas comunicativas como as narrativas autobiográficas. Nessa perspectiva, o passado não é uma coleção de fatos históricos acabados, mas sim uma combinação de visões, de planos, imagens predecessoras, tais quais os trabalhos desempenhados por Claudemir

ou os anônimos que ele batiza de fãs, como veremos a seguir. Percebemos que no momento de lembranças possivelmente dolorosas e de difícil narração, além de silenciar e substituir as lembranças passadas, ele interpõe o futuro, um plano de expectativas combinado a um discurso visionário, utópico. Assim, observamos ao perguntar sobre os lugares em que tem dormido:

(Claudemir): Eu mudei algumas vezes de local pra dormir, mas aí eu tô num estudo, eu tô num estudo de... eu tô pensando numa solução ainda.

(Marco): Você está fazendo um estudo?

(Claudemir): Se houvesse um grupo de pessoas [...] que eu tive uma ideia que é o seguinte, se houvesse um grupo de pessoas um aluguel na periferia é mais barato do que no centro [...] algumas cidades da grande São Paulo pra ter uma casa pra alugar é mais barato então, é difícil morar aqui, a questão do metro quadrado.

(Marco): E você já tem pessoas que poderiam ajudar?

(Claudemir): Eu tô estudando com um fã-clubes, tentando mobilizar uns fã-clubes.

(Mônica): Fã-clubes?

(Claudemir): As pessoas fãs da gente. Eu tenho um fã-clubes meio secreto. As pessoas, é o que aparece, é o que surge, é um fã-clubes.

(Marco): E eles te ajudam?

(Claudemir): Eu tô tentando reunir esse fã-clubes pra ver o que eles podem ajudar.

No bojo das interpolações temporais, o presente desolador rapidamente afeiçoa-se a uma possibilidade, "a um estudo", a busca por uma "solução" futura, sonhada: "um fã-clubes", as pessoas fãs que podem ajudá-lo a dormir em uma casa alugada na periferia. Jedlowski (2016) salienta que tanto o presente produz o futuro por ações performadas quanto o futuro antecipado pela imaginação também produz o presente. E, mais, as formas de antecipação do futuro encontram força nos afetos e nas sensações. Em nossa conversa, fica evidente a afetação gerada por cada ajuda anônima:

(Marco): E você tem um ganho suficiente para subsistir, para se manter?

(Claudemir): Eu tenho um pouco de ajuda.

²¹ ELIAS, C. [51 anos]. [maio, 2023]. Entrevistadores: Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 7 de maio de 2023.

(Marco): Quem te ajuda?

(Claudemir): Até pessoas anônimas, entendeu?

(Marco): Que aparecem.

(Claudemir): Que aparece do nada, surge igual a um [...] surge igual a um sonho, aparece do nada, surge com um pão com manteiga, com uma caneca de chá, aparece.

A imagem do fã-clube surge de modo epifânico, "que aparece do nada", "secreto". Torna-se força afetiva capaz de marcar seu corpo e seguir como horizonte de expectativa plasmando o futuro imaginado de dormir abrigado, de subsistir. A expectativa encontra base em experiências prévias contidas em algum momento do passado com o qual entramos em contato pela via da memória, como ressalta Jedlowski. O que nos faz pensar nas experiências de acolhimento e ajuda como preexistentes na trajetória de Claudemir aptas a compor a imaginação mnemônica para criar memórias do futuro. Vale afirmar que os estudos de Keightley e Pickering (2012) vão além do entendimento de que o horizonte de expectativa diz respeito apenas ao passado vivido, experimentado. Ambos desenvolvem a ideia de que a imaginação mnemônica cria uma tensão produtiva possibilitando a travessia entre a expectativa e a experiência.

Pelo fato de a memória não dizer respeito apenas ao passado vivido, mas às projeções do imaginário, aos planos de ações, para nós, as memórias do futuro podem ser percebidas nas ideações utópicas e heterotópicas dos sonhos coletivos, nascidos, nesse caso, da profunda precariedade. Se como reflete Butler (2022, p. 49), todos nós vivemos uma vulnerabilidade ao outro, "essa vulnerabilidade [...] torna-se altamente exacerbada sob certas condições sociais e políticas, especialmente aquelas em que a violência é um modo de vida e os meios para garantir a autodefesa são limitados," como vimos com os relatos obtidos. Quase ao final da conversa, indagamos:

(Marco): E você chegou a sofrer muita violência de rua?

(Claudemir): Morar na rua já é uma violência social, tá na rua desprotegido... às vezes... porque a questão psicológica do barulho que a rua, que você tá 24 horas em contato com a rua, então tudo o que acontece na rua, qualquer

barulho você tá inserido, você tá ouvindo o som, o ruído, entendeu, mas eu... como eu penso em arquitetura, eu penso no conjunto de construção, de habitação mesmo, eu penso no cimento social feito do vidro, da reciclagem do vidro, material do vidro junto com outros elementos dá o cimento social, o cimento mais barato, mas é uma questão. Tudo isso é uma reunião, tem que conversar com várias pessoas que não é, que não sabem desse mundo da rua, e tentar explicar.

A percepção de que morar na rua é a expressão da violência social – o ruído incessante, "tudo que acontece", como diz, não impede que de sua vivência brotem esperança e imaginação utópica na elaboração de heterotopias. Como afirma Foucault (2015, p. 19), "não se vive e morre em espaços neutros". As heterotopias como "espaços singulares que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das dos outros ou terminantemente opostas" (Foucault, 2015, p. 52). Esses espaços são construídos pelos três sujeitos narrados na pesquisa, com o intuito de desnaturalizar a aparente neutralidade da rua, que, originalmente, é um lugar de passagem.

Na esteira do pensamento foucaultiano, alguns espaços se tornam espaços absolutamente outros, *hetero-topias*, espécies de contraespaços. No caso de Eduardo, sob o sistema de viadutos, seu canto delimitado por tapumes de propagandas políticas e paredes decoradas com grafites de super-heróis, o que o protege da violência dos outros que tentam roubar suas coisas. Seu canto é, portanto, seu contraespaço. Assim como em Ranulfo, a carroça assume o papel heterotópico de tornar possível sua existência e abrigar a morte futura. Graças à conversa mais extensa, deduzimos que o lixo em que Claudemir vislumbra materiais para os recicláveis funciona como heterotopia de desvio: "lugares que as sociedades dispõem em suas margens" (Foucault, 2015, p. 22). Dali retira esperança para arquitetar seus sonhos de uma vida mais digna e de uma sociedade mais justa expressa em expectativas, planos de ações, isto é: memórias do futuro codificadas por sua utopia: "eu penso no cimento social feito do vidro, da reciclagem do vidro [...] o cimento mais barato" ou ainda quando reforça:

Eu sempre tive essas ideias [sobre reciclagem] de repente você precisa de um transformador elétrico, não é só o valor do cobre, não é o valor material do cobre, cada vez que você precisa de um transformador elétrico, e ele é caro, ele tá no lixo, completo, entendeu... às vezes o pessoal só destrói o material atrás de um elemento primitivo, entendeu, não é só uma reciclagem do material, mas tem várias coisas (Elias, 2023, informação verbal).²²

Jacoby (2007) aponta diferenças entre utopistas projetistas, que esquadrinham o futuro e geram projetos totalitários, daqueles que denomina por utopistas iconoclastas, para os quais o futuro permanece aberto e que o impulso ou imaginação utópica responde pelo arrojo permitindo que a ideia utópica preceda o programa político. "O utopismo demanda coragem e audácia no sonho" (Jacoby, 2007, p. 216). A utopia sonhada por Claudemir opõe o mundo em que vive, violento, onde frequentemente há discriminação e criminalização de sua vagância àquele no qual há um projeto coletivo, comum produtivo, cooperante (Negri, 2015), como lemos em seu relato ao explicar a importância do cimento social e da reciclagem. Perguntamos, por fim, sobre seu maior sonho, ao que nos responde: "A gente depende de uma conjuntura, se o Brasil tá bem, se as pessoas estão bem, vai ser melhor. É um momento da turma retomar até porque teve essa pandemia, mudou muitas coisas que eu poderia fazer, entendeu?" (Elias, 2023, informação verbal).²³

Memórias do futuro são também lembranças não realizadas, aquilo que não fizemos e, mesmo assim, nos constituem para recordar de nós mesmos (Jedlowski, 2016), a exemplo do que Claudemir imagina sobre tudo o que poderia ter feito, caso a pandemia não tivesse acontecido.

Considerações finais

Este artigo mostra os resultados parciais da quarta etapa da pesquisa desenvolvida junto ao CNPq sobre memórias do futuro e seus códigos. Objetivamos investigar a produção dessas memórias no espaço urbano de São Paulo com base na pesquisa afetiva (Moriceau, 2020) daqueles

que hoje fazem das ruas seus espaços de sobrevivência e morada, como Eduardo, Ranulfo e Claudemir.

Retomamos brevemente a construção da urbanidade cidadina e as contradições e desigualdades que a modernidade gerara no florescer das cidades industriais. Sabemos que a experiência da modernidade latino-americana se realizou de modo heterogêneo, assimétrico, contraditório, diferente da europeia. Mesmo assim, podemos reconhecer hoje a carroça citada por Engels (1986), que não mais é puxada por um burro, como descrito, mas ainda é guiada por mãos empobrecidas, como as de Ranulfo. Embora as cidades tenham inchado mais do que se esperava no tempo de Baudelaire, continuamos em meio a labirintos urbanos (Benjamin, 1994), onde famílias famintas, muitas vezes criminalizadas, estendem-se sob viadutos e calçadas, como vimos em Kovarick (2019) e Pechman (2002) ao tratar do Brasil.

Nas ruas, cujas dores (Rio, 2007) continuamos sentindo, esses olhos nos olham, como em Cagnetti (2006), e afetam os pesquisadores, convocam. Dos relatos que escutamos, o de Claudemir permite a compreensão do que Jedlowski (2016) preconiza: o passado não como coleção de fatos consumados, mas interposições de imagens, como o trabalho cuja signicidade simboliza uma vida digna que poderia ter sido vivida, e, assim, recordada. Não à toa, as atividades que realizou substituem o que não diz sobre as razões de estar hoje nas ruas. O trabalho como antídoto à possível pecha de vadio. Em Ranulfo, encontramos o trabalho não apenas como signo da dignificação, mas também da indignação, considerando sua raiva quanto ao tempo necessário para obter a aposentadoria.

Nem todos os relatos permitem identificar as memórias do futuro codificadas pelas heterotopias – isto é, como utopias situadas (Foucault, 2015), ainda que apareçam como construções de lugares absolutamente outros: a carroça de Ranulfo, o canto de Eduardo, o lixo de Claudemir.

²² ELIAS, C. [51 anos]. [Maio, 2023]. Entrevistadores: Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 7 de maio de 2023.

²³ ELIAS, C. [51 anos]. [Maio, 2023]. Entrevistadores: Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Marco Antônio Bin. São Paulo, SP, 7 de maio de 2023.

Contraespaços simbólicos produtores de sentido. Porém, no relato de Claudemir conseguimos perceber este modo de construção da memória: lembranças que desafiam, e, quem sabe vençam, simbolicamente, a crueza dos espaços das ruas por meio de planos de ações, expectativas. Memórias do futuro que se articulam, suspeitamos, à experiência do acolhimento por parte dos anônimos que aparecem "com um pão com manteiga, uma caneca de chá", permitindo a utopia de um futuro menos cruel. Outro mundo possível: quiçá um sonho coletivo na direção ao comum, um Brasil onde se poderia fazer muitas coisas.

Referências

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 1992.

BAUDELAIRE, C. Pequenos poemas em prosa [O Spleen de Paris]. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BIN, M. A. Aspectos da modernidade desigual e segregada: a política nas periferias de São Paulo. *Tramas y Redes*, [S. l.], n. 2, p. 123-138, 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org/aspectos-da-modernidade-desigual-e-segregada>. Acesso em: 29 set. 2024.

BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2022.

BRUM, G. Ipea: população em situação de rua no Brasil supera 281 mil. Agência Brasil. Brasília, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/ipea-populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-supera-281-mil>. Acesso em: 31 maio 2023.

CANETTI, E. As vozes de Marrakech. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2006.

DAMASIO, A. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global Editora, 1986.

FOUCAULT, M. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, 2015.

GARCÍA-CANCLINI, N. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

INGVAR, D.H. Memory of the future: an essay on the temporal organization of conscious awareness. *Human Neurobiology*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 127-136, 1985. Disponível em: https://www.prospectivepsych.org/sites/default/files/pictures/Ingvar_Memory-of-future-1985.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

HOFFMANN, E.T.A. A janela de esquina do meu primo. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2010.

JACOBY, R. Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época anti-utópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JEDLOWSKI, P. Memories of the future. In: TOTA, Analisa and HAGEN, Trever. *Routledge International Handbook of Memory Studies*. New York: Routledge, 2016. p. 121-131.

KEIGHTLEY, E.; PICKERING, M. The mnemonic imagination: remembering as creative practice. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

KOWARICK, L. Trabalho e vadiagem – a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, M. I. V. DE. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 48, p. 46-57, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32890>. Acesso em: 6 jun. 2023.

LOTMAN, I. La semiosfera. Ediciones Cátedra: Madrid, 1996. v. 1.

MARONI, A. Escuta solidária. *Cult*, São Paulo, n. 285, ano 25, p. 21-24, set. 2022.

MENEZES, P. Turismo e milenarismo. In: MENEZES, Philadelpho (org.) *Mídia arte cotidiano na globalização*. São Paulo: Editora Experimento, 1997. p. 83-98.

MORICEAU, J. Afetos na pesquisa acadêmica. Belo Horizonte, MG: Faísca: Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

NARCISO, C. A. F. Espaço público: ação política e práticas de apropriação: conceito e procedências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 265-291, 2009.

NEGRI, A. Biocapitalismo: entre Spinoza e a constituição política do presente. São Paulo: Iluminuras, 2015.

NUNES, M. R. F.; BIN, M. A. Clio e a memória do futuro: Ucronias, utopias e heterotopias nos assentamentos do MST. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 120-135, 2021. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.34586>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34586>. Acesso em: 11 set. 2024.

NUNES, M. R. F.; BIN, M. A. Histórias Invisíveis. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011. Projeto realizado com o apoio do Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura – Programa de Ação Cultural de 2020.

NUNES, M. R. F. (org.). *Memórias do futuro em textos culturais midiáticos: perspectivas semióticas*. Campinas, SP: Pontes, 2024.

ORTIZ, R. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PECHMAN, R. M. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

PERALTA, M. A. Un otro en el centro de la ciudad. In: MARCÚS, J. (coord.). Ciudad Viva: Disputas por la producción sociocultural del espacio urbano en la Ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2017. p. 131-168.

POE, E. A. O homem da multidão. In: Contos. São Paulo: Editora Cultrix, 1993. p. 131-139.

RIO, J. do. A alma encantadora das ruas. Belo Horizonte: Crisálida Livraria e Editora, 2007.

ROBIN, R. A memória saturada. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

ROMERO, J.L. Latinoamerica – las ciudades y las ideas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

SEVCENKO, N. Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 2000.

SOUZA, C. F. de; STEIGLEDER, C. N. Retomando Marshall Berman e a questão da modernidade e da modernização das cidades. In: PEIXOTO, E. R.; PALAZZO, P. P.; DERNTL, M. F.; TREVISAN, R. (org.) Tempos e escalas da cidade e do urbanismo. XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: Editora FAU-UnB, 2014. Disponível em: <https://shcu2014.com.br/territ%C3%B3rio/416.html>. Acesso em: 28 maio 2023.

TELLES, V. da S.; CABANES, R. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Ed. Humanitas, 2006.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), em São Paulo, SP, Brasil; com formação complementar na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França, e na Université Paris VIII, Saint-Denis, França; pós-doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) em São Paulo, SP, Brasil, Pesquisadora e docente do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM-ESPM), em São Paulo, SP, Brasil. Pesquisadora do CNPq (PQ2). Líder do Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (CNPq/ ESPM).

Marco Antonio Bin

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil; mestre em Comunicação e Semiótica pela mesma instituição; bacharel em Geografia (FFLCH/USP). Integrante do Grupo de Pesquisa MNEMON (PPGCOM-ESPM). Escritor, docente universitário e pesquisador.

Endereços para correspondência

Monica Rebecca Ferrari Nunes

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Rua Joaquim Távora, 1240, 5º andar

Vila Mariana, 04015-013

São Paulo, SP, Brasil

Marco Antonio Bin

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rua Augusta, 1503/51

Consolação, 01305-100

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.